

## Comparação da cadeia produtiva do licuri (*Syagrus coronata* Martius Beccari) em três territórios de identidade do estado da Bahia

Marina de Lima Razera<sup>1</sup>; Patricia Fernandes<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Discente do curso de Engenharia Florestal da Universidade Tecnológica Federal do Paraná; Campus Dois Vizinhos; marina\_razera@hotmail.com;

<sup>2</sup>Engenheira Agrônoma, Dra.; Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Dois Vizinhos; Dois Vizinhos, Paraná. E-mail: [patriciaf@utfpr.edu.br](mailto:patriciaf@utfpr.edu.br)

### Resumo

O licuri, “ouro verde do semiárido” é uma palmeira endêmica da Caatinga. Desta espécie, se extrai diversos Produtos Florestais Não-Madeireiros. O licuri possui um valor bioeconômico e sociocultural e tem a sua cadeia produtiva ainda não caracterizada e pouco estudada. Neste sentido, este trabalho objetiva comparar a cadeia produtiva do licuri em três Territórios de Identidade (TI) da Bahia. O estudo foi realizado no TI Vale do Jiquiriçá no Centro Sul da Bahia e TI Piemonte Norte de Itapicuru e TI Piemonte da Diamantina no Centro Norte da Bahia. Os dados foram coletados com informantes-chave. Concluímos que os TI's do Centro Norte possuem uma cadeia produtiva mais consolidada enquanto que o TI Vale do Jiquiriçá possui uma cadeia produtiva fragilizada.

Palavras-chave: Caatinga, extrativismo, semiárido

### Introdução

O Brasil possui em seu território seis biomas, dentre eles, a Caatinga, que é um bioma endêmico do nosso país e cobre mais de 50% dos estados da Região Nordeste, e oferece para a população local vários produtos, entre eles os Produtos Florestais Não-Madeireiros, que são produtos que vem da floresta, exceto a madeira (BRASIL, 2022; EMBRAPA MACAPÁ, 2012). No Bioma da Caatinga, existe a espécie *Syagrus Coronata* Martius Beccari que é uma palmeira popularmente conhecida como licuri, pertence à família Arecaceae, e ocorre em praticamente todo o semiárido baiano (BRASIL, 2018). Dessa palmeira é possível aproveitar desde suas raízes à suas folhas. Os frutos são explorados de forma expressiva para consumo próprio, beneficiamento ou incrementação na ração animal, e as folhas são exploradas para cobertura de casas, casebres e artesanato (LORENZI, 2010). Os frutos possuem uma polpa amarela quando madura, e uma amêndoa, da qual se extrai um produto de alto valor comercial, o óleo ou azeite de licuri (LORENZI, 2010).

Os licurizais possuem uma relevante importância socioeconômica e cultural para as pessoas que vivem na Caatinga, sendo considerado o “Ouro Verde do Semiárido” e os indivíduos que são explorados atualmente são os que nasceram de forma espontânea no local, no qual presentemente não existem plantios de licuri, as chamadas Lavouras-Xerófilas. De acordo com Carvalho, Ferreira e Alves (2016), uma das maiores dificuldades dos extrativistas é a não renovação dos indivíduos da espécie, e a ausência de maquinário específico com preço acessível para as comunidades realizarem o beneficiamento do licuri e consequentemente o fortalecimento da cadeia produtiva do *Syagrus coronata*.

Ainda que exista o fomento do Governo do Estado da Bahia para algumas cadeias produtivas, objetivando melhorias nos meios de beneficiamento e estrutura, não existem estudos aprofundados sobre a espécie nem a caracterização da cadeia produtiva da mesma. A cadeia produtiva é um conjunto de etapas e processos, que vão compor a geração de um produto para suprir a necessidade do consumidor final, seja ele nacional ou internacional (CASTRO et al., 1994). O presente trabalho objetiva comparar a cadeia produtiva do licuri em três territórios de identidade (TI) da Bahia, os quais foram escolhidos devido ao comportamento da cadeia ser bem distinto e por ser a Bahia o Estado que tem a maior produção nacional de licuri nos últimos 19 anos (2000-2019) (IBGE, 2019).

### Material e Métodos

#### Caracterização da área estudada

O estudo foi realizado nas mesorregiões Centro Sul Baiano e Centro Norte Baiano, na Região Centro Sul o Território de Identidade (TI) estudado denomina-se Vale do Jiquiriçá (TIVJ) e na região Centro Norte os TI's são Piemonte da Diamantina (TIPD) e Piemonte Norte de Itapicuru

(TIPNI). As regiões e territórios de identidade foram escolhidos por apresentarem comportamentos de produção bastante distintos.

O Território de Identidade Vale do Jiquiriçá abrange 20 dos 25 municípios que compõem a bacia hidrográfica do Rio Jiquiriçá. Segundo dados do IBGE (2010), a Região do Vale do Jiquiriçá possui uma área de 10.287,07km<sup>2</sup> com uma população total de 301.682 mil habitantes sendo que desses, 127.049 mil são moradores da zona rural. Segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI, 2015), o TI Vale do Jiquiriçá faz parte da área de abrangência do Semiárido e a maioria dos municípios se enquadra na Região Semiárida, com o clima predominante subúmido a seco. Os biomas que se apresentam na Região são: Caatinga, Mata Atlântica (remanescentes), e Zonas de transição entre ambos (SEI, 2017).

Dez municípios formam o TI Piemonte da Diamantina (TIPD) e nove formam o TI Piemonte Norte de Itapicuru (TIPNI). Segundo o censo do IBGE de 2010, o TI de Piemonte da Diamantina tem uma área de 11.660,41 km<sup>2</sup> com uma população total de 229.633 habitantes, sendo que 88.074 pertencem a zona rural. O TIPD e o TIPNI também fazem parte da área de abrangência do Semiárido, onde o clima predominante é o clima semiárido, com precipitação média de 650 mm, ocorrem ainda o clima árido e o subúmido a seco (SEI, 1998). A vegetação de ambos os territórios de identidade é a Caatinga Arbórea e Arbustiva, os ecótonos entre Caatinga-Floresta Estacional e Cerrado-Floresta formam a paisagem do território (SEI, 2018).

#### Metodologia do estudo

Para o desenvolvimento do estudo realizou-se levantamento de dados primários e secundários. Os dados primários, foram coletados através de entrevistas utilizando roteiros de perguntas. As entrevistas foram realizadas com informantes-chave ligados a cadeia produtiva do licuri, sendo estes: presidentes das cooperativas/associações; agricultores-extrativistas e feirantes.

Os informantes do TI da Região Centro Sul foram identificados por meio de estudo exploratório, já os dos TI's da Região Centro Norte foram identificados através de pesquisas em sites de buscas, sites das prefeituras e nas redes sociais. Anteriormente ao levantamento de campo, o estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – UTFPR. Os entrevistados responderam questões sobre os seguintes aspectos: presença de cooperativas e associações na cadeia; tipo de maquinário utilizado para o beneficiamento; variedade de produtos e valor que são vendidos; tempo de atuação na cadeia produtiva do licuri; relevância da renda obtida com produtos do licuri; recebimento de incentivos governamentais para a cadeia; principais dificuldades; técnicas de coletas e quais ferramentas são utilizadas; opinião sobre a relevância de uma possível plantação de licuri (lavoura-xerófila) e quantidade de fruto extraída. Devido a pandemia do COVID-19, as entrevistas dos TI's da Região Centro Norte, que inicialmente seriam realizadas de forma presencial, foram feitas *on-line* via formulários eletrônicos. Foram entrevistados ao todo vinte e uma pessoas: sendo oito beneficiadores do fruto, quatro extrativistas da palha, dois beneficiadores, duas associações, duas empresas e três cooperativas. Após o levantamento, os dados foram sistematizados de maneira que permitiram a caracterização da cadeia de forma individual por Região, para posteriormente poder ser realizada a comparação entre elas.

#### Resultados e Discussão

Ao realizar a comparação dos TI's estudados, observamos que, quanto a presença de cooperativas e associações na cadeia, os TI's da Região Centro Norte estão em vantagem pois foram identificadas no mínimo seis, entre associações e cooperativas ligadas ao licuri; comparando com o TIVJ não foi encontrado nenhum tipo de representação organizativa dos extrativistas inseridos na cadeia produtiva do licuri.

Quanto ao tipo de maquinário utilizado para o beneficiamento do fruto: Nos três territórios utilizados, os equipamentos são adaptados, porém nos TI do Centro Norte são equipamentos elétricos, por terem um poder aquisitivo melhor estando organizados em associações ou em cooperativas, enquanto que no TI do Vale do Jiquiriçá o equipamento além de adaptado é manual, demorando dias para conseguir realizar a extração do óleo, o que acarreta na qualidade final do produto que chega até o consumidor.

A variedade de produtos vendidos e valores praticados pelos TI da Região Centro Norte são mais variados e com maior valor agregado do que os que são produzidos pelo TIVJ, que fica com uma variedade de menos de dez produtos com um preço que varia de R\$0,50 a R\$20,00. Já os produtos do TIPD e do TIPNI são mais de vinte opções e possuem um valor final maior de R\$0,75 a R\$60,00, pois as cooperativas e associações investem em embalagens, rótulos, *sites*, lojas próprias e apesar disso tudo gerar custos, torna o produto mais apreciável pelos consumidores finais.

No que diz respeito ao tempo que as pessoas trabalham com o licuri, observou-se no momento do levantamento, uma variação entre 1 mês até 50 anos. Nos TI's da Região Centro Norte houve predomínio de 16 a 20 anos referente ao tempo que as pessoas trabalham com o extrativismo e produção de derivados do licuri, enquanto no TI da Região Centro Sul a variação de tempo foi de 1 ano a 5 anos, evidenciando, assim, uma trajetória mais longa entre extrativistas e Região Centro Norte.

Quanto a relevância da renda obtida com produtos do licuri, nos três territórios estudados os extrativistas, mesmo aqueles que fazem parte de alguma associação ou cooperativa, consideram o licuri como uma complementação da renda advinda de outros serviços considerados principais, como a agricultura, principalmente.

Recebimento de incentivos governamentais para a cadeia foram identificados nos TI's da Região Centro Norte, que recebem apoio técnico e financeiro do governo da Bahia, para investimentos em projetos orientados para a cadeia produtiva do licuri. Estes projetos são desenvolvidos a partir da manifestação de demandas das organizações produtivas da agricultura familiar e de empreendedores da economia solidária. Tal aspecto evidencia a importância da organização dos extrativistas em associações ou cooperativas. Enquanto os dois TI's estudados da Região Centro Norte recebem apoio técnico e financeiro para investir e fomentar a cadeia produtiva das oleaginosas, mais especificamente o licuri, a Região Centro Sul recebe somente incentivo e apoio para a cultura da mandioca. Ressalta-se que, apesar da organização presentes nos territórios da Região Centro Norte, bem como do fomento estadual, os atores ligados à cadeia do licuri ainda sentem falta de incentivos para desenvolvimento de novos estudos, desenvolvimento de espécies híbridas mais produtivas e um plantio com as mesmas.

As principais dificuldades para os três TI's estão relacionadas com ausência de maquinário específico para o beneficiamento do licuri. O maquinário existente atualmente é adaptado, pois no mercado não existe uma máquina específica para beneficiar desde o fruto seco até a extração do óleo. No TIVJ tal dificuldade é ainda maior, pois os extrativistas não têm condições financeiras para adquirir um equipamento nem adaptado.

As técnicas de coletas são manuais, tanto para os frutos quanto para as folhas, fazendo uso de facão, podão, carrinho de mão para transporte e, na maioria das vezes, a coleta e transporte são feitos a pé.

Quando questionados sobre a relevância de uma possível plantação de licuri (lavoura-xerófila), todos os entrevistados concordam que seria interessante, pois passaria a diminuir a distância entre um indivíduo e outro, ou seja, com um plantio teriam o espaçamento entre um indivíduo e outro seria definido, o que não ocorre nas palmeiras atuais que cresceram de forma espontânea. E os frutos das palmeiras existentes hoje seriam somente para alimentação da fauna silvestre contribuindo também para a preservação da espécie.

## Conclusões

Quando comparados os TI's das duas regiões, a principal diferença entre elas é a presença de cooperativas, associações e empresas fortalecendo a cadeia produtiva do licuri nos TI's da Região Centro Norte, enquanto no da Região Centro Sul observa-se total ausência destas entidades. Acredita-se que o TI da Região Centro Sul, apesar de mais frágil e sem a existência de instituições organizativas dos extrativistas, apresenta potencial para se inserir no mercado dos produtos derivados do licuri, fortalecendo e consolidando sua cadeia produtiva, desde que os mesmos incentivos governamentais venham a serem implementados nesta região. O licuri é uma espécie de relevância bioeconômica e demanda por atenção institucional.

## Agradecimentos/Apoio

Às Cooperativas, às Associações e à todos que estiveram envolvidos nesse trabalho, agradeço também à Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Dois Vizinhos pelo fomento a esse trabalho através do Edital Nº 23/2020 - DIRGRAD-DV/DIRGE-DV.

## Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério Do Meio Ambiente – MMA. **Livro Espécies Nativas da Flora Brasileira de Valor Econômico Atual ou Potencial: Plantas para o Futuro: Região Nordeste**. Secretaria de Biodiversidade. – Brasília, DF: MMA. 2018. Disponível em:

<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1102927/1/LivroNordeste12018.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2020.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Biomass Brasileiros**. 2022. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/biomass/caatinga.html>. Acesso em: 10 abr. 2022.

CARVALHO, Aurélio-José A. de; FERREIRA, Marcio H. dos S.; ALVES, Josenaide de S. **Manual do licuri [livro eletrônico]**. Salvador, Bahia: Áttema, 2016<sup>a</sup>. – (Programa CONCA: Sustentabilidade, Saberes e Sabores da Caatinga). 100p. :il. ; PDF. Disponível em: [https://issuu.com/xerofilas.cnpq/docs/manual\\_licuri\\_v13\\_epub](https://issuu.com/xerofilas.cnpq/docs/manual_licuri_v13_epub). Acesso em: 1 abr. 2020.

CASTRO, Antônio Maria Gomes de. *et al.* **Demanda: Análise Prospectiva do Mercado e da clientela de P&D em Agropecuária**. In. Gestão de Ciência e Tecnologia: Pesquisa Agropecuária (ed. Wenceslau Goedert, Maria Lucia D' Apice Paez, Antônio Maria Gomes de Castro) Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Brasília: EMBRAPA-SPI, 1994.

EMBRAPA MACAPÁ. **Produtos Florestais Não Madeireiros**, PFNMS. 2012. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/122259/1/CPAF-AP-2012-nao-madeireiros.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Censo Demográfico. 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 01 abr. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura, PEVS**. 2019. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pevs/quadros/brasil/2019>. Acesso em: 01 abr. 2020.

LORENZI, Harri. **Flora Brasileira Lorenzi: Arecaceae (palmeiras)**. 1 ed. São Paulo: Nova Odessa. 2010. Acesso em: 07 abr. 2020.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA-SEI. **Perfil dos Territórios de Identidade: Território de Identidade Vale do Jiquiriçá**. Série territórios de identidade da Bahia, v.3. Salvador: SEI. 2015.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA-SEI. **Perfil dos Territórios de Identidade**. Salvador: SEI. 2017.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA-SEI. **Perfil dos Territórios de Identidade: Território de Identidade Piemonte da Diamantina e Território de Identidade Piemonte Norte de Itapicuru**. Série territórios de identidade da Bahia, v. 3. p.252. Salvador: SEI. 2018.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA-SEI. **Análise dos atributos climáticos do estado da Bahia**. Série estudos e pesquisas, 38. Salvador: SEI. 1998.